

## **EDUCAÇÃO DO CAMPO COMO ESPAÇO DE RESISTÊNCIA:**

### **Reflexões teóricas iniciais**

**MARIA HELOÍSA OLIVEIRA ARAÚJO**

**Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB**

**JUCILLAN DEYVID QUEIROZ**

**Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB**

**HANNA CAMILLY BISPO SOUZA**

**Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB**

**ALINE FARIAS FIALHO**

**Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB**

### **Resumo**

O presente artigo exhibe discussões que abordam a educação do campo como espaço de resistência e representa um avanço em relação ao ensino atual, ao proporcionar novos olhares acerca deste tema, permitindo uma compreensão da educação do campo como espaço para mobilização social e camponesa. O atual estudo abrange uma revisão sistemática de literatura, tendo como objetivo mapear alguns estudos que possuem enfoques em pesquisas relacionadas à educação do campo como espaço de resistência. A metodologia utilizada para esta pesquisa foi a qualitativa e os dados de pesquisas foram levantados nas três principais bases de dados eletrônicos relacionados a pesquisas acadêmicas: Capes, SciELO e Google Acadêmico. Foram considerados trabalhos publicados no Brasil e na língua portuguesa, nas áreas de educação, ensino, luta e resistência camponesa. As palavras-chave utilizadas foram: “MST”, “Educação no Campo”, “Educação do Campo”, “Resistência Camponesa”. Como resultado do levantamento teórico, é possível concluir que a quantidade de publicações científicas relacionadas à Educação do campo como espaço/movimento de resistência é pequena, principalmente quando se considera a relevância do tema. No entanto, ressalta-se que as produções bibliográficas já existentes são de fundamental importância como ato de resistência dos sujeitos que se reproduzem/lutam no campo.

5572

**Palavras-chave:** Educação no Campo. MST. Resistência Camponesa.

### **Abstract**

This article presents discussions that approach rural education as a space of resistance and represents an advance in relation to current education, by providing new perspectives on this theme, allowing an understanding of rural education as a space for social and peasant mobilization. The present study encompasses a systematic review of the literature, with the objective of mapping all studies that focus on research related to rural education as a space of resistance. The methodology used for this research was qualitative and the research data were collected in the three main electronic databases related to academic research: Capes, SciELO and Google Scholar. Works published in Brazil and in the Portuguese language were considered, in the areas of education, teaching, struggle and peasant resistance. The keywords used were: "MST", "Education in the Countryside", "Education in the Countryside", "Peasant Resistance". As a result of the survey of the state of the art, it is possible to conclude that the number of scientific publications related to Rural Education as a space/movement of resistance is small if we take into account the relevance of the theme, but the existing bibliographic productions are of fundamental importance as an act of resistance of the people of the countryside.

**Keywords:** Education in the Countryside. MST. Peasant Resistance.

## Introdução

Inicialmente faz-se necessário compreender a importância do processo de educar os povos presente no campo para a formação e o desenvolvimento do ser crítico aos indivíduos que vivem no espaço agrário. Para isso, deve-se atentar ao fato de que foi somente no final do último século que as discussões que possuíam como tema central a Educação do Campo começaram a ganhar destaque tanto nos movimentos sociais de luta camponesa quanto na esfera federal de articulação política. É pertinente então o seguinte questionamento: “Quais fatores colaboraram para que esta realidade fosse mudada? E com qual intento?”.

Por conseguinte, Souza Lima (2022), em sua pesquisa, explica que no ano de 1990 os grupos sociais presentes no campo reconheceram e adotaram a educação como ponto principal em suas estratégias políticas para a transformação social do movimento camponês. As organizações já vinham inserindo a pauta em seus debates a algum tempo, mas foi no início da década de 90 que se instaurou a Educação do Campo como fator determinante para que a formação política e cultural fosse alcançada, a fim de encontrar uma forma de superação ao processo de exclusão sociopolítica e econômica que o povo do campo historicamente é submetido.

Foi a partir deste contexto que nasceu a Coordenação Geral de Educação do Campo (CGEC) e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), órgãos que possuem o intuito de pensar um processo que contemple a política educacional como parte essencial para o desenvolvimento do campo e desenvolver uma prática pedagógica que permita ao indivíduo desenvolver a sua criticidade, a fim de formá-lo indivíduo desperto e poder assim integrar os movimentos de apoio e desenvolvimento dos assentamentos rurais respectivamente. Ambos têm como campo de atuação a Educação do campo, porém de maneiras distintas no viés ideológico. A contribuição de Camacho (2017) é essencial para compreender a objetividade de cada proposta de modelo educacional voltada para o campo:

Enquanto a Educação do Campo no PQA [Paradigma da Questão Agrária] objetiva a formação para a resistência, inclusive formando militantes dos movimentos socioterritoriais, por outro lado aquela construída a partir do PCA [Paradigma do Capitalismo Agrário], o PEJR, visa a formar empreendedores rurais na lógica da profissionalização dos camponeses para competir e se integrar ao mercado, de maneira subalterna ao capital (Camacho, 2017, p. 651).

Atentando para as diferenças e a finalidade expostas entre as políticas pedagógicas impostas pelo capital e a desenvolvida pelos movimentos do campo, é possível afirmar que as conquistas dos movimentos sociais camponês nascem como propostas alternativas e de

resistência política/epistemológica/pedagógica à educação padronizada e totalmente atrelada aos projetos de princípios e valores desenvolvimentistas que dão sustentação ao processo de dominação capitalista, assumindo o desafio de contrapor-se ao modelo de escola rural pensada na perspectiva do agronegócio e oferecer aos indivíduos do campo a oportunidade de construir o conhecimento baseado na consciência social e obter as ferramentas necessárias para a construção de uma vida digna e consciente.

Com a reorganização das bases pedagógicas promovida pelos movimentos de luta agrária, sobretudo por camponeses assentados e/ou que integram o grupo do Movimento dos Trabalhadores sem Terra (MST)<sup>1</sup>, tornou-se possível a formação crítica dos camponeses para que os mesmos consigam compreender a necessidade de sua participação nos movimentos rurais como sujeitos que possuem ciência dos interesses que estão por detrás do discurso ideológico propagado pelas classes hegemônicas. É em consonância com esse argumento que Menezes Neto (2009) afirma que:

Partindo do princípio de que o campo está em disputa entre dois modelos de desenvolvimento territorial antagônicos — agricultura capitalista (latifúndio-agronegócio) e agricultura camponesa —, as propostas condizentes com a educação camponesa não podem vincular-se ao projeto de integração/subordinação capitalista, e sim de defesa dos interesses das classes subalternas (Menezes Neto, 2009 apud Camacho, 2017, p. 657).

Tal como foi explicitado por Menezes Neto (2009), as propostas de Educação do Campo jamais devem ser vinculadas ao viés capitalista de subordinação, mas ir em contrapartida a esse e defender os interesses das classes subalternas. Em concordância com os autores citados, pode-se afirmar que a educação camponesa contrária aos interesses do capital e voltada para atender especificamente às necessidades das comunidades rurais é um ato profícuo, com resultados positivos para a comunidade por promover a conscientização política, social e cultural das comunidades rurais, permitindo assim que os mesmos sejam capazes de mobilizar-se em busca de seus direitos e contra a exploração.

É levando em consideração os fatos expostos acima e o tamanho da importância de que temáticas relacionadas a Educação do Campo como ato de resistência aos esforços do capital/estado sejam discutidas com mais afinco e urgência que o presente trabalho pretende desenvolver uma revisão sistemática de literatura, com o objetivo de mapear estudos relacionados a Educação do campo e resistência, visando ser um aporte aqueles pretendem

---

<sup>1</sup> O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) é um movimento social que surge institucionalmente na década de 1984 e possui três bandeiras prioritárias: luta pela terra, pela reforma agrária e mudanças gerais na sociedade (THOMAZ JUNIOR, 2010).

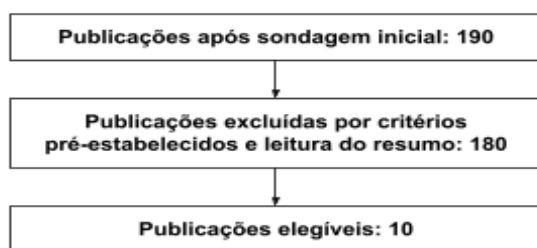
desenvolver suas pesquisas na área em questão.

## Metodologia

Em se tratando de uma revisão bibliográfica e documental, a metodologia que melhor se adequa a realização desta pesquisa é a abordagem qualitativa. Inicialmente foram estabelecidos alguns critérios a fim de sistematizar a busca por trabalhos que se enquadrem na revisão sistemática, tais critérios foram: palavras-chave, local de publicação, linguagem publicada, âmbito (área) de pesquisa assim como parâmetros que baseiam a seleção ou exclusão dos trabalhos.

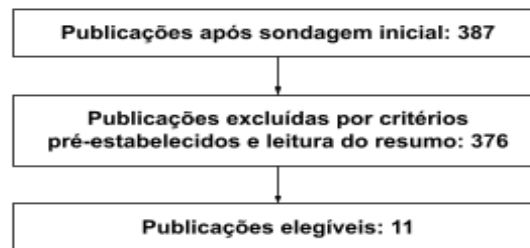
As bases de dados científicas selecionadas para a busca por trabalho foram: Portal Capes (Figura 1), SciELO Brasil (Figura 2) e Google Acadêmico (Figura 3). De início, todos os artigos que corresponderam as seguintes palavras-chave: “MST”, “Educação no Campo” e “Resistência Camponesa” foram selecionados para a leitura do resumo, logo após a atenção se destinou ao local e a linguagem de publicação, e posteriormente ao âmbito de pesquisa para que apenas os trabalhos que de fato sejam relevantes para integrarem a catalogação desta pesquisa sejam elegidos. Após todo processo de pesquisa, seleção e leitura das publicações, foram escolhidos 27 artigos que contribuem com a temática abordada nesta pesquisa.

**Figura 1** – Fluxograma de seleção de trabalhos relacionados a Educação do campo e resistência no portal Capes, 2024.



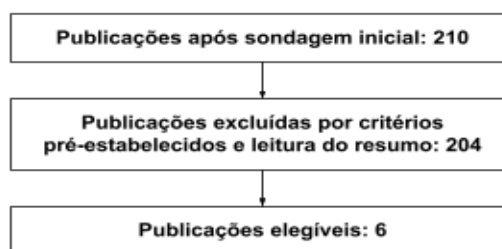
Fonte: Dados de pesquisa, 2024.

**Figura 2** – Fluxograma de seleção de trabalhos relacionados a Educação do campo e resistência no portal SciELO Brasil, 2024.



Fonte: Dados de pesquisa, 2024.

**Figura 3** – Fluxograma de seleção de trabalhos relacionados a Educação do campo e resistência no portal Google Acadêmico, 2024.



Fonte: Dados de pesquisa, 2024.

Para a análise das 27 produções, foi desenvolvido um quadro (Tabela 1) que padroniza os critérios que fornecem os dados essenciais para uma pesquisa, sendo eles: Autor (es); Ano;



<b>Objetivos:</b>	A presente tese tem como objeto de estudo a proposta educacional do MST. Objetivou analisar e debater a educação do MST dentro do contexto educacional brasileiro, indicando seu caráter e sua importância, principalmente na década de 1990, como uma afronta e contraposição às políticas educacionais neoliberais e atualmente diante da crise mundial do capital, demonstra a necessidade de construção de propostas educacionais de classe voltadas à emancipação humana e ao projeto histórico socialista.
<b>Conclusão:</b>	Foi possível localizar e analisar a educação do MST no contexto educacional brasileiro e afirmar que da década de 1990 em diante ela tem sido o movimento de educação de classe que mais oferece resistência às políticas educacionais neoliberais. Porém uma educação para além do capital dentro de uma sociedade capitalista sempre será desenvolvida por e com contradições, entre elas destacamos a relação entre Movimento e Estado e a relação teoria/prática. Foi apontado a possibilidade de superação destas contradições através da adoção e aprofundamento teórico no materialismo histórico dialético e contribuimos com argumentos sobre a necessidade e a atualidade desta teoria do conhecimento para a educação do MST.
<b>Link:</b>	<a href="#">Universidade Federal da Bahia: A educação do MST no contexto educacional brasileiro. (ufba.br)</a>
<b>Autor (es):</b>	EUGÊNIA JANATA, Natacha.
<b>Ano:</b>	2012
<b>Título</b>	“Juventude que ousa lutar! ”: Trabalho, Educação e Militância de jovens assentados na MST.
<b>Publicação:</b>	Portal Capes
<b>Instrumento:</b>	Entrevistas, observação participante e análise de documentos
<b>Objetivos:</b>	O objetivo da pesquisa foi compreender como ocorre a formação de jovens militantes do MST, com o foco nos egressos do ensino médio do Colégio Estadual Iraci Salete Strozak, considerando a mediação entre a escolarização de nível médio, o trabalho, a militância e a continuidade dos estudos.
<b>Conclusão:</b>	A situação de trabalho dos egressos evidencia a presença do setor de serviços no assentamento; a mecanização da produção, que tem alterado a vida dos jovens; a saída do assentamento em busca de trabalho e estudo; bem como a sua inter-relação com a militância. A continuidade de estudos tem sido possibilitada principalmente pelos cursos organizados pelo MST. Nesse contexto, para que a escola, e nela a etapa de nível médio, possa contribuir na formação dos jovens, é preciso que esteja articulada com a materialidade da vida, sobretudo com a organização da produção dos assentamentos, suas contradições e lutas sociais.
<b>Link:</b>	<a href="#">30380148.pdf (core.ac.uk)</a>
<b>Autor (es):</b>	RODRIGUES DE ARAUJO, Maria Nalva.
<b>Ano:</b>	2007
<b>Título</b>	As contradições e as possibilidades de construção de uma educação emancipatória no contexto do MST.
<b>Publicação:</b>	Portal Capes
<b>Instrumento:</b>	Pesquisa documental, observação participante e entrevistas com os sujeitos envolvidos nas práticas.
<b>Objetivos:</b>	O estudo teve como propósito investigar as contradições e as possibilidades de uma educação emancipatória no contexto da luta pela terra. O universo da pesquisa foram as práticas educativas desenvolvidas pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST na região extremo sul da Bahia.
<b>Conclusão:</b>	Os resultados indicam que as contradições existentes nas práticas educativas do MST situam - se na relação com a propriedade privada, na relação com o Estado burguês e no modo de vida. Apesar das contradições existentes, as práticas educativas do MST demonstram possibilidades de essência evidenciadas nos seguintes aspectos: na compreensão de que a luta pela terra não se encerra com a sua conquista, é preciso transformar a sociedade em todos os níveis: na organização do trabalho e da luta em coletividades; na qualificação dos militantes para a atuação em prol da causa da classe trabalhadora; na promoção da contestação da ideologia dominante; na vinculação da luta econômica à luta política e cultural; na construção da consciência de classe dos trabalhadores através da luta confrontacional associada à elevação cultural mediada pelo acesso à escola e ao conhecimento.
<b>Link:</b>	<a href="#">Universidade Federal da Bahia: As contradições e as possibilidades de construção de uma educação emancipatória no contexto do MST. (ufba.br)</a>
<b>Autor (es):</b>	CAMINI, Isabela.
<b>Ano:</b>	2009
<b>Título</b>	Escola itinerante dos acampamentos do MST: um contraponto à escola capitalista?
<b>Publicação:</b>	Portal Capes
<b>Instrumento:</b>	Observação das categorias atualidade e auto-organização dos educandos, pesquisa bibliográfica e documental.

<b>Objetivos:</b>	A presente pesquisa contém um estudo realizado sobre a Escola Itinerante dos acampamentos do MST: um contraponto à Escola Capitalista? Para a realização deste estudo apresentamos, como objetivo geral: apreender no processo quais os principais aspectos/elementos que evidenciam, na prática, ser a Escola Itinerante dos acampamentos do MST uma proposta capaz de se contrapor à escola capitalista.
<b>Conclusão:</b>	Apesar de se constituir como uma experiência singular, de chamar a atenção de autoridades públicas, de educadores e do próprio Movimento, foram feitas uma leitura de algumas tensões, limites e contradições que emergem no processo da experiência. Aprovada no Rio Grande do Sul em 1996 e no Paraná em 2003, a Escola Itinerante vem se construindo como referência de escola para crianças, adolescentes e adultos acampados, se expandindo também para outros estados da federação onde o MST está organizado.
<b>Link:</b>	<a href="http://ufrgs.br">Escola itinerante dos acampamentos do MST: um contraponto à escola capitalista? (ufrgs.br)</a>
<b>Autor (es):</b>	DE LOURDES SAVELI, Esméria.
<b>Ano:</b>	1999
<b>Título</b>	A proposta pedagógica do M.S.T. para as escolas dos assentamentos: a construção da escola necessária.
<b>Publicação:</b>	Portal Capes
<b>Instrumento:</b>	Revisão bibliográfica.
<b>Objetivos:</b>	O texto pretende evidenciar pontos fundamentais da proposta de Educação do M.S.T. para as escolas dos assentamentos. O elemento básico e inovador dessa proposta é o fato de um grupo social organizado se apropriar da escola pública e buscar promover uma educação escolar ligada ao seu projeto social.
<b>Conclusão:</b>	Este é um estudo de natureza conceitual, em que buscou-se evidenciar os pontos fundamentais da proposta pedagógica do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST) para as escolas dos assentamentos. O elemento inovador da proposta pedagógica que emerge do MST refere-se ao sentido da apropriação da escola pública por um movimento social organizado, com o objetivo de promover uma educação escolar intrinsecamente ligada ao seu projeto social.
<b>Link:</b>	<a href="http://uepg.br">A proposta pedagógica do M.S.T. para as escolas dos assentamentos: a construção da escola necessária (uepg.br)</a>
<b>Autor (es):</b>	DE MENEZES NETO, Antonio Julio.
<b>Ano:</b>	2003
<b>Título:</b>	Os princípios unitários na escola técnica do MST.
<b>Publicação:</b>	Portal Capes
<b>Instrumento:</b>	Pesquisa de campo, revisão bibliográfica.
<b>Objetivos:</b>	O artigo apresenta a prática de um curso profissional de ensino médio, mantido pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra no Rio Grande do Sul, Brasil, identificando nesta escola os princípios da escola unitária. Também apresenta os resultados de uma pesquisa de campo realizada junto aos alunos da escola.
<b>Conclusão:</b>	Pelas respostas dos alunos, pode-se concluir que o TAC, mantido por um movimento social e sindical, apresenta especificidades quando comparado a outros cursos de formação profissional: os alunos são selecionados pelo MST, com um perfil definido pelo Movimento; e o conteúdo curricular e o prático são também definidos pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Mas não se pode perder a perspectiva de que esta escola apresenta uma prática hegemônica pelos trabalhadores e utiliza uma metodologia original, adaptada, reconstruída e construída de propostas que pensaram a educação unida ao trabalho. Pode-se concluir que o projeto pedagógico de formação profissional colocado em prática na escola Josué de Castro pelo MST gera uma proposta inovadora, principalmente no tocante à gestão da escola pelos alunos e à alternância como o elo de ligação entre o mundo da escola e o mundo da produção. Também deve ser ressaltado o interesse de um movimento social, sindical e político pela proposta de formação e escolarização de seus militantes e dos assentados. Assim, a conjugação da preocupação do MST com a escolarização, a formação e a formulação de uma pedagogia crítica deve ser vista como a garantia de uma educação crítica e necessária para a formação dos sujeitos coletivos que compõem a classe trabalhadora.
<b>Link:</b>	<a href="http://www.ia.ufrrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2008-1/Educacao-MII/MST_A_escola_unit%EA1ria.pdf">http://www.ia.ufrrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2008-1/Educacao-MII/MST_A_escola_unit%EA1ria.pdf</a>
<b>Autor (es):</b>	AMBONI, Vanderlei.
<b>Ano:</b>	2020
<b>Título</b>	Educação e escola no MST.
<b>Publicação:</b>	Portal Capes
<b>Instrumento:</b>	Método do materialismo histórico e dialético.

<b>Objetivos:</b>	O objeto de análise é a escola que o MST criou na luta por reforma agrária. A pesquisa se deu nos documentos do MST e na literatura da área. O objetivo é mostrar que os sujeitos da luta por reforma agrária também são sujeitos da educação cuja capacidade de organização e mobilização criaram uma base de educação em seu território (acampamento e assentamento). A análise aponta que esta condição se constrói a partir das lutas pela terra e pela educação que implicam formas específicas de organizar a educação pública do campo orientada por um projeto educativo construído coletivamente pelos educadores do MST.
<b>Conclusão:</b>	Conforme o exposto, conclui-se que MST é sujeito de suas ações nas lutas pela terra e pela educação, onde criam as formas de ações para ambas as lutas, pois sabem que elas se completam no processo histórico, quer seja nos acampamentos, quer sejam nos assentamentos. Elas são unidades e dialéticas, por isso é Movimento que se movimenta.
<b>Link:</b>	<a href="#">EDUCAÇÃO E ESCOLA NO MST   RTPS - Revista Trabalho, Política e Sociedade (ufrj.br)</a>
<b>Autor (es):</b>	RANGEL, Mary e BRANCA DO CARMO, Rosângela.
<b>Ano:</b>	2011
<b>Título</b>	Da educação rural à educação do campo: revisão crítica.
<b>Publicação:</b>	Portal Capes
<b>Instrumento:</b>	Revisão de estudos
<b>Objetivos:</b>	O objetivo deste estudo é recuperar alguns dos acontecimentos históricos da educação do campo que esclarecem o percurso da evolução do seu significado para a concepção, social e politicamente mais ampla, da educação do campo, observando e questionando, neste percurso, fatores que fundamentam reivindicações por maior atenção à escola e às suas práticas pedagógicas.
<b>Conclusão:</b>	A revisão aponta para um longo período de pouca atenção política ao contexto rural e às suas escolas, cujos currículos e práticas foram submetidos ao modelo das escolas urbanas. Foi destacada, porém, a relevância histórica dos movimentos políticos sociais em prol da valorização dos sujeitos do meio rural, incluindo indígenas e remanescentes de quilombos, reconhecendo sua importância para a vida e a história do país. Assim, no percurso histórico e nas contribuições críticas revisadas neste artigo, observamos a crescente ênfase em recursos e condições que favoreçam a oferta de um processo educativo contextualizado, assegurando também os princípios da qualidade educacional. Dessa forma, este estudo demonstrou como o campo inspira reflexões e requer continuidade e aprofundamento de estudos que visualizem suas questões e apelos.
<b>Link:</b>	<a href="http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S0104-70432011000200018&amp;script=sci_abstract&amp;tlng=en">educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S0104-70432011000200018&amp;script=sci_abstract&amp;tlng=en</a>
<b>Autor (es):</b>	NABARRETE BASTOS, Pablo.
<b>Ano:</b>	2017
<b>Título</b>	MST e Escola Nacional Florestan Fernandes: formação, comunicação e socialização política.
<b>Publicação:</b>	SciELO Brasil
<b>Instrumento:</b>	Método dialético e são aplicadas técnicas qualitativas, entrevistas semiestruturadas com lideranças do MST, e pesquisa antropológica na Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF).
<b>Objetivos:</b>	Este artigo apresenta resultados de pesquisa desenvolvida, entre 2010 e 2015, com o objetivo de compreender como se desenvolve historicamente a relação e articulação política entre o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e a cidade, entre trabalhadores rurais e urbanos na luta pela hegemonia popular, a hegemonia da classe trabalhadora (BASTOS, 2015) e o que representa esta relação para a formação, a força, a prática e luta política dos Sem Terra. Isso implica compreender a capacidade dialógica do MST, a disposição e intencionalidade pedagógica e comunicativa para as alianças políticas e de classe com o trabalhador urbano.
<b>Conclusão:</b>	A ENFF possui potencial para se constituir como espaço de construção da hegemonia popular por meio da sociabilidade entre os movimentos sociais, pela produção simbólica comum e pela educação universalizante, porém é um espaço em que ainda prevalecem a hegemonia política e a cultura do MST, com pouca participação de movimentos populares urbanos bastante representativos, sejam ligados às lutas por moradia, centrais sindicais ou organizações estudantis. Há maior diálogo entre os movimentos sociais que compõem a Via Campesina, mas estes não possuem participação massiva e comunicação junto a outros movimentos populares e instâncias representativas do ambiente urbano. A proposta de um Projeto Popular para o Brasil pode evoluir a partir de um trabalho de base consistente e se a classe trabalhadora de fato construir a consciência política no processo de luta, nas alianças, diálogos e arranjos sociais.
<b>Link:</b>	<a href="https://www.scielo.br/j/interc/a/3ZwNwK4VKDftkJPXGFYyFx/?format=pdf&amp;lang=pt">https://www.scielo.br/j/interc/a/3ZwNwK4VKDftkJPXGFYyFx/?format=pdf&amp;lang=pt</a>
<b>Autor (es):</b>	RODRIGUES, Fabiana de Cássia.
<b>Ano:</b>	2017

<b>Título</b>	Educação e luta pela terra no Brasil: a formação política nos movimentos dos trabalhadores rurais sem terra.
<b>Publicação:</b>	SciELO Brasil
<b>Instrumento:</b>	Revisão bibliográfica.
<b>Objetivos:</b>	Neste texto o autor apresenta seu entendimento sobre formação política; em seguida, traça uma discussão sobre a formação política na pedagogia do MST e, por fim, realiza uma reflexão crítica a esse respeito.
<b>Conclusão:</b>	As mudanças devem ir à essência do modo de produção capitalista, na qual é necessário perseguir, de modo planejado e consistente, uma estratégia de rompimento com a lógica incorrigível do capital. Para tanto, a transformação progressiva da consciência adquire papel fundamental, tarefa na qual a educação atuaria de maneira central. A educação por si só não modifica a realidade, mas pode alterar a compreensão que os sujeitos sociais possuem a respeito dela, tornando-se, assim, elemento fundamental para o processo de transformação da realidade.
<b>Link:</b>	<a href="https://www.scielo.br/j/es/a/pNcnhhLkzP6kLPsKdg7MrHM/?format=pdf&amp;lang=pt">https://www.scielo.br/j/es/a/pNcnhhLkzP6kLPsKdg7MrHM/?format=pdf&amp;lang=pt</a>
<b>Autor (es):</b>	LAVOURA, Tiago Nicola.
<b>Ano:</b>	2016
<b>Título</b>	Educação escolar e cultura corporal em áreas de reforma agrária: a emancipação humana em análise
<b>Publicação:</b>	SciELO Brasil
<b>Instrumento:</b>	Dados de conjuntura e estrutura; pesquisa bibliográfica, análise documental e entrevistas estruturadas.
<b>Objetivos:</b>	O objeto de estudo do presente trabalho foi a cultura corporal e a educação escolar na prática social do MST, analisado a partir dos fundamentos da pedagogia histórico-crítica. Tendo como ponto de partida o seguinte problema investigativo: quais os conteúdos e os fundamentos da cultura corporal presentes na educação escolar do MST, suas possibilidades formativas e perspectivas emancipatórias?
<b>Conclusão:</b>	Ciente da necessidade de se debater mais amplamente e aprofundadamente o objeto de estudo em questão, espera-se que este artigo tenha conseguido apontar algumas contradições e possibilidades de superação da educação escolar e da cultura corporal na prática social do MST, notadamente ao apontar a importância do trabalho educativo do MST em priorizar a apropriação, de cada aluno singular, dos conhecimentos necessários ao seu pleno desenvolvimento como seres humanos, ainda nos estreitos limites da sociedade capitalista, o que implica no caso da Educação Física, o ensino intencional e sistematizado dos conteúdos da cultura corporal historicamente acumulados e que se constituem enquanto patrimônio cultural humano, devendo os mesmos, portanto, serem socializados por intermédio do ensino escolar
<b>Link:</b>	<a href="https://www.scielo.br/j/rbefe/a/YrwXSChyPyxmK4HPCyWQgNh/?format=pdf&amp;lang=pt">https://www.scielo.br/j/rbefe/a/YrwXSChyPyxmK4HPCyWQgNh/?format=pdf&amp;lang=pt</a>
<b>Autor (es):</b>	ALVES PARAÍSO, Marlucy e RIBEIRO, Vândiner.
<b>Ano:</b>	2015
<b>Título</b>	Currículo e MST: conflitos de saberes e estratégias na produção de sujeitos.
<b>Publicação:</b>	SciELO Brasil
<b>Instrumento:</b>	Observação na escola do assentamento e revisão bibliográfica.
<b>Objetivos:</b>	Este artigo trata dos conflitos em torno dos saberes disponibilizados nos currículos de duas escolas do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e das estratégias ali inscritas para a produção de sujeitos. Insere-se no campo do currículo na vertente pós-crítica, incorporando ferramentas conceituais dos Estudos Culturais e dos estudos de Michel Foucault.
<b>Conclusão:</b>	O argumento desenvolvido é o de que apesar de as relações de poder-saber forjadas no currículo das escolas investigadas serem marcadas pela presença predominante dos conhecimentos autorizados, há ali um esforço de ensinar outros saberes que contribuem para disponibilizar algumas posições de sujeito que são de importância estratégica para a produção do sujeito Sem Terra.
<b>Link:</b>	<a href="https://www.scielo.br/j/edreal/a/MRKtvrSkyHdgOTLY4Rw8fRm/?format=pdf&amp;lang=pt">https://www.scielo.br/j/edreal/a/MRKtvrSkyHdgOTLY4Rw8fRm/?format=pdf&amp;lang=pt</a>
<b>Autor (os):</b>	SIEBERT SAPELLI, Marlene Lucia.
<b>Ano:</b>	2015
<b>Título</b>	Escola Itinerante: espaço de disputa e contradição.
<b>Publicação:</b>	SciELO Brasil
<b>Instrumento:</b>	Análise bibliográfica e pesquisa de campo.
<b>Objetivos:</b>	O objetivo deste trabalho é apresentar a experiência de escola feita pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, no Paraná, nos acampamentos, a partir de 2003, culminando com a construção da proposta dos Complexos de Estudo, implementada a partir de 2013.
<b>Conclusão:</b>	Foi possível perceber a construção de uma proposta contra hegemônica, produzida num processo de autogestão da classe trabalhadora, sustentando-se em elementos que exigem alterações da forma e do

	conteúdo da escola, bem como, a ruptura com o modelo oficial do Estado. Também se observou um processo de continuidade e descontinuidade na implementação da proposta.
<b>Link:</b>	<a href="https://www.scielo.br/j/er/a/RTB6Gym7LVXFQjDHcbgptHn/?format=pdf&amp;lang=pt">https://www.scielo.br/j/er/a/RTB6Gym7LVXFQjDHcbgptHn/?format=pdf&amp;lang=pt</a>
<b>Autor (es):</b>	JANATA, Natacha Eugênia
<b>Ano:</b>	2015
<b>Título</b>	A formação de jovens do campo e o vínculo entre conhecimento, trabalho e educação: um estudo do Colégio Estadual do Campo Iraci Salette Strozak
<b>Publicação:</b>	SciELO Brasil
<b>Instrumento:</b>	Estudo de caso; Entrevistas; Análise de Projeto Pedagógico
<b>Objetivos:</b>	Neste texto aborda a especificidade da formação de jovens do campo, considerando a relevância dessa conexão, apresentando dados de pesquisa de doutorado em educação que buscou compreender o entrecruzamento do trabalho, escolarização e militância de egressos de uma escola de assentamento do MST e sua relação com a formação dos jovens, sobretudo, os militantes
<b>Conclusão:</b>	Concluímos identificando os limites da escola, compreendendo-a no interior das relações capitalistas de produção da vida, bem como ressaltando as possibilidades que o vínculo entre trabalho e educação no acesso ao conhecimento traz para a constituição de jovens do campo que compreendem as contradições e se comprometem com as lutas da classe trabalhadora, em especial a do MST.
<b>Link:</b>	<a href="https://www.scielo.br/j/er/a/FcWC5xsfm6WH9vPJZxbFrvH/?lang=pt">https://www.scielo.br/j/er/a/FcWC5xsfm6WH9vPJZxbFrvH/?lang=pt</a>
<b>Autor (es):</b>	PERLI F.
<b>Ano:</b>	2014
<b>Título</b>	Quando a consciência histórica é a consciência organizativa: formação política e ensino de História no MST
<b>Publicação:</b>	SciELO Brasil
<b>Instrumento:</b>	Análise bibliográfica
<b>Objetivos:</b>	Neste artigo propõe-se analisar a relação entre consciência histórica e consciência organizativa no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), considerando-se o lugar ocupado pelo estudo da história na formação de quadros políticos num período de consolidação do movimento social.
<b>Conclusão:</b>	Ao longo dos anos, meios de comunicação e materiais didáticos do MST se tornaram instrumentos de difusão de representações políticas, o que permite entender como o movimento social deu sentido ao passado e ao ensino de História na organização dos sem-terra. Trata-se de uma abordagem sobre representações que delinearão funções preliminares da consciência histórica e do ensino de História na mobilização dos trabalhadores rurais sem-terra.
<b>Link:</b>	<a href="https://www.scielo.br/j/his/a/J9kgfxhmbhV7kMznRJpKhfD/?lang=pt">https://www.scielo.br/j/his/a/J9kgfxhmbhV7kMznRJpKhfD/?lang=pt</a>
<b>Autor (es):</b>	DE SOUZA, Maria Antônia
<b>Ano:</b>	2007
<b>Título</b>	A pesquisa sobre educação e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) nos programas de pós-graduação em educação.
<b>Publicação:</b>	SciELO Brasil
<b>Instrumento:</b>	Análise bibliográfica
<b>Objetivos:</b>	Este artigo analisa pesquisas defendidas nos Programas de Pós-Graduação em Educação no Brasil que trataram da educação no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e destaca os enfoques teórico-metodológicos presentes nelas. Discute a temática educação e movimentos sociais do campo com referência em Arroyo, Campos, Gohn, Sposito, Beserra e Damasceno.
<b>Conclusão:</b>	Demonstra que as pesquisas anunciam problemáticas/objetos de pesquisa que têm estreita relação com a prática socioeducativa no movimento social; evidencia a necessidade de diálogo entre as áreas do conhecimento, em especial a educação e a sociologia; faz uso da abordagem qualitativa de pesquisa e fundamenta as análises no materialismo histórico-dialético, em especial na caracterização do MST por sua expressão de classe.
<b>Link:</b>	<a href="https://www.scielo.br/j/rbedu/a/6Rrs8bZVPkqWZwGRcp4PYdF/?lang=pt">https://www.scielo.br/j/rbedu/a/6Rrs8bZVPkqWZwGRcp4PYdF/?lang=pt</a>
<b>Autor (es):</b>	DAL RI, Neusa Maria e VIEITEZ, Candido Giraldez
<b>Ano:</b>	2004
<b>Título</b>	A educação do movimento dos sem-terra.
<b>Publicação:</b>	SciELO Brasil
<b>Instrumento:</b>	Análise do Instituto de educação
<b>Objetivos:</b>	O objetivo desse texto é o de expor os elementos educativos principais presentes na escola, bem como elucidar se a sua concepção educacional, que parece ser a mesma vigente nas escolas controladas pelo

	MST, contém elementos educacionais de interesse para as classes trabalhadoras em geral, do ponto de vista democrático e popular.
<b>Conclusão:</b>	A investigação revelou que o Instituto, estruturado e organizado de forma diferente daquela usualmente encontrada nas escolas oficiais, coloca em epígrafe categorias educacionais como a união do ensino com o trabalho e a gestão democrática compartilhada entre alunos, professores e funcionários.
<b>Link:</b>	<a href="https://www.scielo.br/j/rbedu/a/LSNWtQ5vk8LnXmtrBXyyg7S/?lang=pt">https://www.scielo.br/j/rbedu/a/LSNWtQ5vk8LnXmtrBXyyg7S/?lang=pt</a>
<b>Autor (es):</b>	BELTRAME, Sonia Aparecida Branco
<b>Ano:</b>	2002
<b>Título</b>	Formação de professores na prática política do MST: a construção da consciência orgulhosa
<b>Publicação:</b>	SciELO Brasil
<b>Instrumento:</b>	Metodologia qualitativa
<b>Objetivos:</b>	Este artigo propõe-se a discutir a experiência de professores e professoras das escolas de assentamento organizadas pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra -- MST, no oeste catarinense.
<b>Conclusão:</b>	Evidenciam a perspectiva de veiculação, na escola, de uma dimensão do saber enriquecido pela ação política gerada nas práticas coletivas. Esse envolvimento resulta em experiências diferenciadas que se refletem nas ações desenvolvidas na escola e no Movimento. Com isso, esses professores reelaboram o espaço da escola no meio rural, criando novos compromissos que transformam sua atividade docente, ampliando seu aprendizado e as relações de solidariedade presentes na cultura do campo.
<b>Link:</b>	<a href="https://www.scielo.br/j/ep/a/WBDKXLvBhxkmgR8XgYtqPpP/?lang=pt">https://www.scielo.br/j/ep/a/WBDKXLvBhxkmgR8XgYtqPpP/?lang=pt</a>
<b>Autor (es):</b>	RAMOS, Márcia Mara
<b>Ano:</b>	2020
<b>Título</b>	Educação popular: instrumento de formação, luta e resistência no projeto educativo do MST
<b>Publicação:</b>	SciELO Brasil
<b>Instrumento:</b>	Revisão Bibliográfica
<b>Objetivos:</b>	Este artigo visa compartilhar ideias das práxis social e coletiva de educação do Movimento Sem Terra (MST).
<b>Conclusão:</b>	A defesa das políticas públicas, em especial da educação pública, gratuita, laica e de qualidade, em conformidade com o princípio de que educação não é mercadoria, luta histórica da classe trabalhadora, é um lema que precisa estar ativo. Requer-se a organização da categoria dos trabalhadores da educação na perspectiva de uma práxis coletiva e de organização social para articulação e construção de outro projeto educacional.
<b>Link:</b>	<a href="https://scielo.br/j/fractal/a/WPR54yqbyXJWP43hdQG4XmJ/?lang=pt">https://scielo.br/j/fractal/a/WPR54yqbyXJWP43hdQG4XmJ/?lang=pt</a>
<b>Autor (es):</b>	ASSUNÇÃO, Adenildo dos Santos; SIMIÃO Camacho, Rodrigo
<b>Ano:</b>	2023
<b>Título</b>	Educação do Campo e Resistência Camponesa: a práxis pedagógica emancipatória, dialógica e em alternância da Escola Família Agrícola Rosalvo da Rocha Rodrigues (EFAR)
<b>Publicação:</b>	Google Acadêmico
<b>Instrumento:</b>	Discussão Teórica; Pesquisa de Campo (EFAR); Entrevista
<b>Objetivos:</b>	Uma reflexão acerca da prática pedagogia da alternância desenvolvida na Escola Agrícola Rosalvo da Rocha Rodrigues (EFAR).
<b>Conclusão:</b>	Este trabalho espera contribuir com a reflexão acerca da proposta da formação em alternância e, ao mesmo tempo, instigar a construção de novas experiências emancipatórias de ensino que possam fortalecer as lutas dos povos oprimidos e contribuir com a sua resistência diante do modo de produção capitalista.
<b>Link:</b>	<a href="https://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/view/9557">https://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/view/9557</a>
<b>Autor (es):</b>	NOGUEIRA, Francis Mary Guimarães; BRAUN, Julio Cesar
<b>Ano:</b>	2023
<b>Título</b>	Resistência Camponesa: a luta por terra e educação
<b>Publicação:</b>	Google Acadêmico
<b>Instrumento:</b>	Pesquisa Bibliográfica;
<b>Objetivos:</b>	Este artigo pretende analisar de maneira breve o percurso do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e seu engajamento e organização coletiva na luta pela terra, considerando a educação como parte do processo de formação da resistência camponesa.
<b>Conclusão:</b>	Pretende descrever algumas considerações sobre a importância da educação na formação da consciência de classe e sua contribuição para a continuidade da luta dos camponeses por terra, educação e reforma agrária.

<b>Link:</b>	Resistência Camponesa: a luta por terra e educação   Educere et Educare (unioeste.br)
<b>Autor (es):</b>	MATOS DE OLIVEIRA, Guilherme
<b>Ano:</b>	2021
<b>Título</b>	Ensino de Geografia e resistência camponesa em uma trincheira do semiárido baiano, Brasil
<b>Publicação:</b>	Google Acadêmico
<b>Instrumento:</b>	Discussões Teóricas; Práticas Pedagógicas
<b>Objetivos:</b>	Este texto tem o objetivo de elucidar nossa experiência docente nos percursos do Ensino de Geografia do campo no município de Anagé-Bahia, Brasil; apontando sua relevância nos processos de resistência camponesa diante do avanço contraditório do atual modo de produção em seus espaços
<b>Conclusão:</b>	As análises engendradas no texto nos revelam os caminhos do pensar e do agir do professor na Geografia escolar do campesinato, oportunizando-nos a vislumbrar as conquistas, obstáculos e estímulos da sua prática docente no espaço educacional, seja por exemplo, na intenção de que seus estudantes possam superar uma visão determinista do senso comum sobre o campo semiárido, que o reduz a um "atrasado sertão de terra seca, rachada e inóspita", pela difusão desse pensamento ideológico que nos foi proporcionado atuais formas de sociabilidade capitalista a avançarem no espaço agrário, tencionando nele os e contradições próprias de seu sistema em crise.
<b>Link:</b>	<a href="#">Ensino de Geografia e resistência camponesa em uma trincheira do semiárido baiano, Brasil   Didáticas Específicas (uam.es)</a>
<b>Autor (es):</b>	STRAUCH, Guilherme Freitas Ewald
<b>Ano:</b>	2020
<b>Título</b>	A territorialização do capital e as estratégias de resistência camponesa em Paraty-RJ
<b>Publicação:</b>	Google Acadêmico
<b>Instrumento:</b>	Aspecto Qualitativo; Pesquisa Bibliográfica
<b>Objetivos:</b>	O objetivo deste artigo é descrever parte da história social do campesinato em Paraty/RJ, identificando as formas e as estratégias de resistência camponesa presentes nesse território nas últimas 6 décadas.
<b>Conclusão:</b>	A análise das informações do trabalho de campo indica a existência da condição camponesa em Paraty, com origens diversas e inserida nos distintos grupos sociais presentes no território e que aponta para a presença de um campesinato de caráter multicultural.
<b>Link:</b>	<a href="#">A TERRITORIALIZAÇÃO DO CAPITAL E AS ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA CAMPONESA EM PARATY/RJ/   REVISTA NERA (unesp.br)</a>
<b>Autor (es):</b>	SOUZA, Suzane Tosta ; DE OLIVEIRA, Guilherme Matos ; DE SOUZA, Joelma Miranda Coutinho
<b>Ano:</b>	2017
<b>Título</b>	Da expansão tecnológica do capital no campo a permanência e resistência camponesa pela via da educação.
<b>Publicação:</b>	Google Acadêmico
<b>Instrumento:</b>	Revisão Bibliográfica;
<b>Objetivos:</b>	O presente artigo discute a relação entre expansão da tecnologia, reprodução camponesa e educação, que se estabelece de forma contraditória no campo brasileiro
<b>Conclusão:</b>	Partindo do entendimento das contradições nas quais o capital se reproduz, compreende-se que o campesinato se reafirma enquanto modo de vida – pela preservação de seus valores, quanto enquanto classe social, pelo papel político de enfrentamento à subordinação imposta pelo capital. Nessa luta pela reprodução camponesa, a educação do campo emerge como fundamental a fim de fomentar um projeto efetivamente voltado aos interesses daqueles sujeitos que vivem e se reproduzem por meio do trabalho na terra
<b>Link:</b>	<a href="#">a expansão tecnológica do capital no campo a permanência... - Google Acadêmico</a>
<b>Autor (es):</b>	CAMACHO, Rodrigo Simão; VIEIRA, Jaqueline Machado
<b>Ano:</b>	2021
<b>Título</b>	Pedagogia do Movimento e Educação do campo: produto/produtoras da Resistência Territorial Camponesa
<b>Publicação:</b>	Google Acadêmico
<b>Instrumento:</b>	Revisão Bibliográfica
<b>Objetivos:</b>	Este texto tem o objetivo de discutir a relação ontológica e epistemológica intrínseca existente entre a Educação do Campo e o território camponês em disputa, considerando que sua gênese e desenvolvimento está assentada nas condições concretas dessas relações sociais.
<b>Conclusão:</b>	Os movimentos que constroem/reconstroem territórios são denominados de “movimentos socioterritoriais”. Constituem-se a partir de ações sociopolíticas engendradas por sujeitos sociais coletivos que objetivam a luta social para a conquista e/ou resistência territorial. Essas ações permitem

	a construção de uma práxis formativas denominadas de “Pedagogia do Movimento”, que é o entendimento do movimento social enquanto “sujeito educativo” ou “sujeito pedagógico”. Neste contexto, a Educação do Campo é uma prática pedagógica resultante da luta camponesa, mas também, é um instrumento da luta contra a territorialização do agronegócio no campo (resistência territorial) e pela reterritorialização/recampanização (conquista territorial).
<b>Link:</b>	<a href="https://openedition.org">Pedagogia do Movimento e Educação do Campo: Produtos/Produtoras da Resistência Territorial Camponesa (openedition.org)</a>

Fonte: Dados de pesquisa, 2024.

Ao observar a tabela é possível identificar que dos 27 trabalhos analisados, 17 deles foram publicados nos últimos 10 anos. Revelando, assim, um crescente interesse dos pesquisadores, sobretudo os que estão ligados a áreas da Educação, Ensino, Movimentos Sociais ligados à Terra (de modo mais destacado o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra). Um dado importante para que uma atenção maior seja dada a temas de tão grande relevância como os que debatem o reconhecimento da Educação do campo como instrumento extremamente necessário para a articulação dos povos do campo e resistência ao modelo tradicional imposto pela “Educação rural”. Em concomitância com este pensamento, Arroyo e Fernandes (199) confirmam:

Quando dizemos Educação básica do campo estamos afirmando a necessidade de duas lutas combinadas: pela ampliação do direito à educação e à escolarização no campo; e pela construção de uma escola que não apenas esteja no campo mas que, sendo do campo, seja uma escola política e pedagogicamente vinculada à história, à cultura e às causas sociais e humanas dos sujeitos sociais do movimento do campo (Arroyo; Fernandes, 1999, p. 59).

Observa-se que dentre os estudos analisados, os autores Souza Lima (2022), Bezerra Neto (2012), Morigi (2002), Camini (2009), Saveli (1999), Alves Paraíso e Ribeiro (2015), Janata (2015), Souza (2007), Ramos (2020), Nogueira e Braun (2023), Matos de Oliveira (2021), Souza et al., Camacho e Vieira (2021) convergem com o pensamento exposto por Arroyo e Fernandes (1999) ao discorrerem sobre a Educação do campo ser uma conquista significativa para os povos do campo, como forma de opor-se às práticas pedagógicas descentralizadas das questões sociais e políticas defendida por aqueles que fazem parte da vida campesina, seja em que grau for. Os autores dão destaque de forma mais específica a contribuição do MST para que esse modelo educacional seja conquistado e defendido, seja nas movimentações, manifestações ou na pesquisa científica.

Outro fator que deve ser observado são os instrumentos/metodologias utilizadas para a realização das pesquisas, sendo ao todo 16 trabalhos que possuem uma abordagem qualitativa, fazendo uma revisão bibliográfica para sua pesquisa, 8 trabalhos que desenvolveram pesquisas de campo (observação e/ou entrevista), 2 estudos de caso específicos e apenas uma desenvolve práticas pedagógicas, concluindo, assim, que há um número significativo de revisões

bibliográficas e poucos estudos de campo, o que leva ao questionamento pertinentes acerca da dificuldade (?) dos pesquisadores de desenvolver estudos de campo.

## **Conclusão**

Pode-se concluir com a realização deste trabalho que debates envolvendo a Educação do campo têm ganhado destaque nos últimos dez anos, porém a quantidade de trabalhos ainda é pequena, dada a relevância do tema e o tempo em que a educação se tornou ponto estratégico para os movimentos sociais do campo. É fato que o modelo educacional voltado para o campo adotado pelo Estado, está intrinsecamente ligado com os desejos do capital, a chamada “Educação Rural”, é totalmente voltado para o paradigma do capitalismo agrário e se estrutura na perspectiva de profissionalização dos camponeses para que os mesmo sejam integrados ao mercado, competindo contra seus pares e sendo subalternos ao capital. Desta forma, é primordial o desenvolvimento de práticas pedagógicas em que a realidade do sujeito seja reconhecida, onde seja possível estabelecer debates que esteja incluída sua história, cultura e política e a de seus pares.

É nesse sentido que deve ser adotado um modelo educacional que seja emancipatório, onde a consciência e a criticidade dos indivíduos sejam estimuladas a fim de que os mesmos possam se reconhecer enquanto classe trabalhadora e subalternizada. E que sendo assim, necessitam se engajar nos movimentos sociais que buscam seus direitos e práticas sociais mais justas e igualitárias.

## **Referências**

AMBONI, V. Educação e escola no MST. Revista trabalho, política e sociedade, v. 5, n. 9, p. 721-742, 11 dez. 2020.

ARROYO, M. G.; FERNANDES, B. M. A educação básica e o movimento social do campo. Brasília, DF: Articulação Nacional Por uma Educação Básica do Campo, 1999.

ASSUNÇÃO, A. S.; CAMACHO, R. S. Educação do campo e resistência camponesa: a práxis pedagógica emancipatória, dialógica e em alternância da Escola Família Agrícola Rosalvo da Rocha Rodrigues (EFAR). PEGADA - A Revista Da Geografia do Trabalho, 24(1), 85–112.

BASTOS, P. N. MST e Escola Nacional Florestan Fernandes: formação, comunicação e socialização política 1. Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, v. 40, p. 129-142, 2017.

BELTRAME, S. A. B. Formação de professores na prática política do MST: a construção da consciência orgulhosa. Educ Pesqui [Internet], 2002.

BEZERRA NETO, L. Educação do campo ou educação no campo?. Revista HISTEDBR Online Campinas, n.38, p. 150-168, 2010.

CAMACHO, R. S. A Educação do Campo em disputa: resistência versus subalternidade ao capital. Educ. Soc., Campinas, v. 38, nº. 140, p.649-670, jul.-set., 2017.

CAMACHO, R. S.; VIEIRA, J. M. Pedagogia do Movimento e Educação do Campo: produtos/produtoras da resistência territorial camponesa. Confins. Revue franco-brésilienne de géographie/Revista franco-brasileira de geografia, n. 50, 2021.

CAMINI, I. Escola itinerante dos acampamentos do MST: um contraponto à escola capitalista?. Repositório Digital, Porto Alegre, 2009.

D'AGOSTINI, A. A educação do MST no contexto educacional brasileiro. Repositório UFBA, 2019.

DAL RI, N. M.; VIEITEZ, C. G. A educação do movimento dos sem-terra. Rev Bras Educ [Internet], 2004.

EUGÊNIA JANATA, N. Juventude“ que ousa lutar!”: Trabalho, Educação e Militância de jovens assentados na MST. Core.ac.uk, Florianópolis, 2012.

EWALD STRAUCH, G. F. A Territorialização do capital e as estratégias de resistência camponesa em Paraty/RJ. Revista NERA, (51), 205–230, 2020.

JANATA, N. E. A formação de jovens do campo e o vínculo entre conhecimento, trabalho e educação: um estudo do Colégio Estadual do Campo Iraci Salete Strozak1. Educar em Revista, p. 111-127, 2015.

LAVOURA, T. N. Educação escolar e cultura corporal em áreas de reforma agrária: a emancipação humana em análise. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, v. 30, p. 1079-1086, 2016.

LOURDES SVELI, E. A proposta pedagógica do M.S.T. para as escolas dos assentamentos: a construção da escola necessária. Repositório UEPG, Ponta Grossa, 1999.

MATOS DE OLIVEIRA, G. Ensino de Geografia e resistência camponesa em uma trincheira do semiárido baiano, Brasil. Didáticas Específicas, (24), 63–74, 2021.

MENEZES NETO, A. J. Os princípios unitários na escola técnica do MST. Currículo sem fronteiras, v.3, n.1, pp.82-95, Jan/Jun 2003.

MORIGI, V. Escola do MST. Utopia em construção. Biblioteca Setorial de Educação da UFRGS, Porto Alegre, 2002.

NOGUEIRA, F. M. G.; BRAUN, J. C. Resistência Camponesa: a luta por terra e educação. Educere et Educare, [S. l.], v. 18, n. 45, p. 257–273, 2023.  
DOI:10.48075/educare.v18i45.28849.

PERLI, F. Quando a consciência histórica é a consciência organizativa: formação política e ensino de História no MST. História [Internet], 33(2):567–81, Jul 2024.

RAMOS, M. M. Educação popular: instrumento de formação, luta e resistência no projeto educativo do MST. *Fractal: Revista De Psicologia*, 32(spe), 233–238, 2020.

RANGEL, M.; CARMO, R. B. do. Da educação rural à educação do campo: revisão crítica. *Revista da FAAEBA: Educação e Contemporaneidade [online]*, vol.20, n.36, pp.205-214, 2011.

RIBEIRO, V.; PARAÍSO, M. A. Currículo e MST: conflitos de saberes e estratégias na produção de sujeitos. *Educação & Realidade*, v. 40, p. 785-808, 2015.

RODRIGUES DE ARAUJO, M. N. As contradições e as possibilidades de construção de uma educação emancipatória no contexto do MST. *Repositório UFBA*, 2007.

RODRIGUES, F. de C. Educação e luta pela terra no Brasil: a formação política no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. *Educação & Sociedade*, v. 38, p. 27-44, 2017.

SAPELLI, M. L. S. Escola Itinerante: espaço de disputa e contradição 1. *Educar em Revista*, p. 129-143, 2015.

SOUSA LIMA, E. de. A educação do campo como espaço de resistência política e epistemológica: as lutas por outras pedagogias. *Revista Teias*, vol. 23, nº 68, p. 89–103, 2022.

SOUSA, M. A. de. A pesquisa sobre educação e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) nos Programas de Pós-Graduação em Educação. *Revista Brasileira De Educação*, 12(36), 443–461, 2007.

SOUZA, S. T.; OLIVEIRA, G. M. de; SOUZA, J. M. C. Da expansão tecnológica do capital no campo à permanência e resistência camponesa pela via da educação. *Revista Binacional Brasil-Argentina: Diálogo entre as ciências*, v. 6, n. 1, p. 35-54, 2017.

THOMAZ JÚNIOR, A. Povoando o território da luta pela terra e pela reforma agrária no Brasil contemporâneo. In: *Revista Pegada, Presidente Prudente*, v. 11, n. 2, p. 1-35, Dez., 2010. Disponível em <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/view/1303/1299>>. Acesso em: 05 de março de 2024.

Autor 1:



Maria Heloísa Oliveira Araújo  
Graduanda do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID. Contribuição de autoria: aquisição de dados, análise e interpretação dos dados, redação do artigo.

Email: 202110158@uesb.edu.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0776801738663552>

Autor 2:

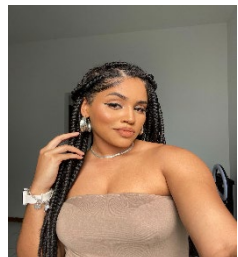


Jucillan Deyvid Queiroz  
Graduando do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB. Membro do grupo de pesquisa *Geopesquisar* e pesquisador na área de Ensino. Contribuição de autoria: aquisição de dados, análise e interpretação dos dados, redação do artigo.

Email: 202110278@uesb.edu.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1410660830310047>

Autor 3:



Hanna Camilly Bispo Sousa  
Graduanda do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID. Contribuição de autoria: aquisição de dados, análise e interpretação dos dados, redação do artigo.

Email: 202110149@uesb.edu.br

Autor 4:



Aline Farias Fialho  
Professora M<sup>a</sup>. Assistente do Departamento de Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, Vitória da Conquista – BA/Brasil. Contribuição de autoria: Revisão e aprovação final do artigo.

Email: [aline.fialho@uesb.edu.br](mailto:aline.fialho@uesb.edu.br)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2987925584616390>